

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA

Izabel Cristina Gontijo Simões De Carvalho

**EDUCAÇÃO, CINEMA E GEOGRAFIA:  
Um diálogo.**

Belo Horizonte

2015

Izabel Cristina Gontijo Simões De Carvalho

**EDUCAÇÃO, CINEMA E GEOGRAFIA:  
Um diálogo.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica, Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Carmem Lúcia Eiterer

Belo Horizonte  
2015

Izabel Cristina Gontijo Simões De Carvalho

**EDUCAÇÃO, CINEMA E GEOGRAFIA:  
Um diálogo.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica, Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 30 de Abril de 2015

---

Carmem Lúcia Eiterer– Faculdade de EducaçãoUFMG

---

Nome do Professor convidado da banca – Instituição que ele pertence

## **Sumário**

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Revisão teórica .....</b>	<b>12</b>
<b>Objetivo geral.....</b>	<b>16</b>
<b>Objetivos específicos .....</b>	<b>16</b>
<b>O projeto de intervenção e a escola.....</b>	<b>17</b>
<b>Entre o projeto e a realidade.....</b>	<b>23</b>
<b>Filme: Sete Anos no Tibet.....</b>	<b>25</b>
<b>Filme: Diários de Motocicleta.....</b>	<b>31</b>
<b>Filme: O Caminho das Nuvens.....</b>	<b>36</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>41</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>42</b>

## Resumo

Este é o resumo de uma intervenção na Escola Municipal Professora Eleonora Pierocetti.

Tal intervenção é parte da conclusão do que foi apreendido durante o curso de Educação e Cinema LASEB/FAZ/SMED.

Optei por um trabalho laboratório de um futuro Cine Clube na escola, pois a opção que o leque de outras se abriram na minha frente ao fazer o curso, foi o que mais me atraiu pois no meu entender é uma faceta do mundo do cinema que pode ser aplicado não só na escola como em outros espaços. Bem como, acredito que esta opção possibilita uma ferramenta altamente pedagógica em qualquer lugar, pois traz consigo o debate, o diálogo, a troca de idéias que são para mim uma das maiores formas de apreender, construir e desconstruir conceitos, opiniões, crenças, ect.

Na primeira parte, fiz um memorial sobre a minha trajetória escolar desde o ensino fundamental até a minha prática como professora. Nesta parte menciono a importância da escola na minha vida que vira a influenciar na minha opção por ser uma professora.

Faço também comentários do meu gosto pelo cinema desde a infância. Do cinema para mim e posteriormente deste em sala de aula.

Logo após faço uma breve esplanção sobre a escola. Seus espaços, sua dinâmica cotidiana, seus profissionais e perfil dos alunos.

Registro também a minha idéia inicial e o que foi possível realizar dentro da realidade de escola.

Na última parte faço o registro da atividade e das falas e observações sobre os filmes.

Devo reconhecer que mesmo utilizando do cinema em sala de aula nos últimos 20 anos, esta experiência foi muito reveladora para outras opções.

Agradeço principalmente a Deus por ter me dado esta oportunidade, pois foi a ele quem pedi para ser uma das contempladas ao fazer a minha inscrição.

## 1.INTRODUÇÃO

A minha história de afinidade com a educação começou quando ainda era discente. Sempre estudei em escolas públicas, mas a que mais me marcou é o extinto Colégio Municipal São Cristóvão.

Foi através da minha relação com esta escola que decidi que seria uma professora. Para mim o colégio não era só um lugar de apreensão dos conteúdos conceituais. Na minha avaliação, o colégio cumpriu muito bem sua função do desenvolvimento cognitivo, apreensão de conhecimentos, mas, além disso, a escola era também para mim, uma extensão da minha vida social. Eu era muito pobre, não tinha a presença do meu pai, pois ele foi um ativista político na época da Ditadura Militar e vivia na clandestinidade, por isto ia nos visitar em nossa casa só de vez em quando, escondida, de madrugada. Minha mãe trabalhava o dia todo como manicure. Eu não tinha oportunidades de lazer em clubes, passeios, cinema, viagens nas férias, etc.

Além do tempo e das atividades regulares do colégio, usufruía de atividades extracurriculares que eram oferecidas pelo Colégio. Participava das equipes de Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica Desportiva e do Coral do Colégio. Aquele lugar também era o meu principal local de socialização, pois na falta do meu pai e ausência de minha mãe que trabalhava muito para sustentar as duas filhas encontrei nos meus professores uma solicitude que permitiu desenvolver um relacionamento que supria a falta da presença paterna e atenção materna.

Percebendo como o ambiente escolar fazia diferença positiva na minha vida, vislumbrei a possibilidade de também fazer parte desse processo de formação humana me tornando uma professora.

Eu passava os dias no colégio. No 1º turno ia para a biblioteca fazer os deveres de casa, voltava, almoçava e ia para o 2º turno para as aulas, logo depois, quando este terminava eu continuava para os treinos de ginástica. Enfim, passava o dia todo no Colégio bem como nas manhãs de Sábado, pois tínhamos treino de Ginástica em tais manhãs. Participávamos de competições interescolares, municipais, estaduais e até no exterior.

Muitos dos aprendizados que trouxe para a minha vida, não foram adquiridos nas salas de aula com as disciplinas regulares e sim nas conversas que tínhamos com os nossos técnicos de Ginástica, Professores Edson Pisani e Glaucia Brandão. Sempre depois do treino tínhamos o tempo da conversa e nestas conversas, muitos valores, muitos pensamentos, muito sobre a vida nos foi passado por eles.

Tudo isto me fazia feliz, me completava. Sem contar no que eu aprendia na convivência com os colegas, nas preparações para as competições. Acho que é por isto que não consigo imaginar a Escola como aquele espaço só de salas de aulas e professores de conteúdos conceituais. Por este motivo me formei acreditando que escola deveria ser um lugar em que o estudante passa grande parte do seu tempo em atividades diversas.

O Projeto da Escola Integrada – que surgiu bem depois, quando já era professora - veio concretizar minhas expectativas, pois acredito que além das aulas das disciplinas comuns a presença de atividades diversificadas no extra turno são um diferencial positivo na formação do estudante.

Além deste depoimento sobre a importância da escola na minha vida, não posso deixar de mencionar a influência das aulas de Geografia da Professora Vilma. Esta professora fazia com que as aulas fossem verdadeiras viagens a várias partes do Brasil e do mundo. Ela tinha uma capacidade de nos colocar em um barco e saíamos pelo mundo afora. Com ela eu compreendi como o relevo do nosso planeta se formou, como se formam as chuvas, porque em Belo Horizonte temos tantas subidas e descidas, é claro, o porquê das corridas para o oeste Norte-americano, como se formam os diamantes. O abandono das populações do norte e nordeste do nosso país. Acompanhei o processo migratório para o sul do Brasil a partir do livro “Vidas Secas” de Graciliano Ramos que tivemos de ler, depois de muitos questionamentos por parte das alunas. Dizíamos: mas a aula é de Geografia e não de literatura. Mas não teve jeito. Dona Vilma não abriu mão. E eu chorei horrores com o sofrimento da Baleia. Depois ainda tivemos de ler “Menino de Engenho” de José Lins do Rego para acompanhar o cultivo da cana-de-açúcar no litoral nordestino, bem como a relação entre os Senhores de Engenho e os empregados. Lemos também o livro “Ana Terra” de Érico Veríssimo, e com ela pudemos vislumbrar os Pampas Gaúchos e um pouco da cultura sulista brasileira.

Naquela época não era comum os professores se utilizarem das produções cinematográficas com fins didáticos. Pelo menos nas escolas que frequentei – Escola Municipal São Cristóvão e posteriormente, no Ensino Médio, o Colégio Marconi. Não sei dizer se era uma questão de prática de ensino ou se era por falta de materialidade ou produção fílmica para tal. Mas, hoje está bem claro para mim que esta professora, tão significativa para a minha opção pela Geografia, lançava mão da arte literária para uma visualização e compreensão de espaços físicos bem como culturas diferentes para nós alunas. E ela sempre utilizava fragmentos do livro lido em suas provas em que tínhamos que argumentar e responder a partir da teoria que tinha sido vista em sala de aula. Faço um aparte para explicar que no Colégio São Cristóvão, o 1º turno era só de meninos e o 2º só de meninas.

Outro avanço pedagógico que esta professora utilizava, especificamente no ensino de Geografia, na parte de cartografia, é que ela sempre utilizava os mapas no chão. Ela organizava a sala em forma de círculo e colocava o mapa no chão para apresentar a sua aula. Ela já tinha a iniciativa de usar esta prática para nós criarmos a visualização cartográfica na visão vertical. Coisa que eu só fui aprender na faculdade.

Dona Vilma era uma professora que não tinha medo de denunciar as injustiças sociais, não tinha medo de nos mostrar a realidade em uma época perigosa (anos 70) e ao mesmo tempo com seu jeito doce de ser nos mostrou de muitas formas a beleza da Ciência Geográfica. Não tive dúvidas: seria professora e de Geografia. Me apaixonei tanto pela matéria que me lembro de pedir de presente de aniversário de 15 anos um Atlas Geográfico. E nele eu viajei pelo mundo todo. .

A minha passagem pelo sistema público de educação possibilitou o meu ingresso, através de vestibular, no curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Diferentemente de meus colegas, em nenhum momento tive dúvidas a respeito da minha opção pela modalidade da licenciatura.

Depois de graduada, me submeti ao concurso público para professor de geografia da rede municipal de Belo Horizonte.

Simultaneamente era professora na rede particular também. E foi em uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola particular que um aluno, em função de um questionamento, me fez parar e pensar na utilização do cinema como um instrumento pedagógico potencialmente eficaz.

Estávamos estudando O Mundo Bipolar, especificamente a Guerra Fria. Mencionei a Guerra do Vietnã quando um dos meninos me fez a seguinte pergunta: Professora, a Guerra do Vietnã foi aquela em que no uniforme dos soldados o capacete fazia uma curvinha? Os soldados ficavam o tempo todo em valas esperando para atacar?

Logo vi que ele e talvez os outros não estivessem conseguindo se localizar tanto no tempo quanto no espaço e estavam procurando referências imagéticas para compreensão e estavam confundindo a Guerra do Vietnã com os Alemães nas, Primeira e Segunda, Guerras Mundiais.

Resolvi incluir pelo menos um filme no planejamento de cada conteúdo. No caso contado acima, decidi pelo filme “Platoon” para que eles visualizassem a época, a desigualdade bélica entre os EUA e Vietcongs, bem como a realidade de uma floresta tropical, ambiente totalmente desconhecido para os estadunidenses e de fundamental importância para a vitória Vietcong. A importância do conhecimento do ambiente geográfico – floresta tropical – e mais uma série de aspectos, geopolíticos e culturais que o filme me proporcionou. Sem deixar de lado a discussão de que nos filmes existe a criação da paisagem-tipo, e talvez este seja um dos elementos que fazem com que o cinema seja uma arte.

Michel Foucher (1987, p.79) chama a nossa atenção para tal fato. Por exemplo:

*“Os lugares onde se dão os eventos dos roteiros do Western e que são a marca da formação da nação Americana, não são utilizados nos filmes. Como modelo de referência a paisagem-tipo do western não cessa de ser imitada e reprisada em lugares que não correspondem à conquista do Oeste.( FOUCHER, M, 1987. P. 79)”*

No meu caso, na época, com relação ao filme Platoon, acredito que a produção do filme tenha lançado mão da paisagem-tipo para representar as dificuldades encontradas pelos soldados norte-americanos em função do desconhecimento da realidade de um espaço de uma floresta tropical. Fato que foi ao mesmo tempo fator favorável para os vietcongs que tinham perfeito conhecimento das dificuldades de tal realidade geográfica.

Na época fizemos também um levantamento da trilha sonora e os meninos perceberam que todas as músicas eram contemporâneas das décadas de 1960 e 1970.

Desde então, os filmes sempre fizeram parte das minhas programações pedagógicas. Sempre explorei esta arte, que devo confessar que até então, na sala de aula, não era encarada para mim como uma atividade artística, mas como uma ferramenta pedagógica que atraía os alunos e me ajudava a fazê-los compreender a complexidade dos espaços geográficos.

E foi justamente com tal visão do cinema que não perdi a chance de concorrer a uma vaga para este projeto. Sabia que teria a oportunidade de apreender, aprofundar mais este tema: Educação e Cinema. Percebi logo que não basta apenas gostar de ver filmes. Compreendi que, como diz a Professora Rosália Duarte (DUARTE, 2009): “Pensar o cinema como uma importante instância “pedagógica” nos leva a querer entender melhor o papel que ele desempenha junto àqueles com os quais também lidamos, só que em ambientes escolares e acadêmicos.” Não posso deixar de mencionar que além da questão educacional, eu sempre fui apaixonada pelo cinema. Muito do que sei, eu aprendi nos filmes que vi. Muito do que percebo e penso sobre a vida, foram os filmes que me fizeram parar para pensar. Mesmo sendo filmes assistidos na televisão, seção de tarde, filmes de Domingo, etc. Para minha surpresa, ao ler o livro da Professora Rosália Duarte, ela faz um depoimento com o qual me identifiquei muito. Ela diz:

*“Aprendi a aprender com os filmes, a usufruir imensamente da emoção que provocam, a interpretar as imagens, e refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes e a questionar os meus próprios. E o fato de essa experiência ter sido tão fundamental na minha formação (muito do que conheço do mundo, das culturas e das artes aprendi vendo filmes) é uma das razões pelas quais decidi estudar, academicamente, as relações das pessoas com o cinema (DUARTE, 2009, p.25).”*

Bom, voltando a escolha do curso, logo no início do fui informada de que este culminaria em um trabalho escrito referente a um tipo de intervenção na minha escola relacionado com a temática de tal.

Achei que seria fácil, pois além de me considerar uma cinéfila, acreditava que os meninos também o eram, pois sempre os ouvi comentar sobre filmes assistidos durante os finais de semana em sala. Este fato já mostrava a minha ignorância sobre o assunto.

Para minha grande surpresa, foi ao ler o livro “Cinema e Educação” da professora Rosália Duarte, que descobri que eu e meus alunos nunca

fomoscinéfilos, mesmo gostando muito de assistir filmes, acompanhar os premiados Hollywoodianos, conhecer vários atores, diretores e críticas feitas na TV, etc.

Em seu livro, já no final, especificamente no capítulo intitulado “Formação estética audiovisual: outro olhar da educação para o cinema”. Rosália Duarte faz o seguinte esclarecimento:

*“Os cinéfilos brasileiros contemporâneos, a rigor, não podem ser chamados de cinéfilos, pois vão pouco ao cinema, mas a julgar pelo crescente número de vídeo locadoras espalhado pelo País (78% dos municípios do Brasil têm acesso a esse tipo de serviço) e pelo menos, mais de 700 filmes exibidos mensalmente nos canais de tevê por assinatura há um grande contingente de pessoas, sobretudo jovens que gostam muito de ver filmes. São videófilos, muito mais que cinéfilos. (DUARTE, 2009, p.77)”*

Esta é uma realidade. É muito comum, hoje em dia, não somente jovens, mas também adultos marcarem encontros nas casas uns dos outros para assistir um filme que foi premiado ou está fazendo sucesso e depois ficarem conversando, se divertindo. O filme é apenas um dos elementos do encontro entre amigos.

Rosália Duarte, cita Néstor Cancilini, estudioso da cultura latino-americana, quando este diz:“(…) umas das diferenças que mais se nota entre os cinéfilos e os videófilos é que a relação destes com os filmes costumam dar-se num presente sem memória (...), pois, para o videófilo, os filmes mais interessantes são, quase sempre os mais recentes”.(CANCILINI, 2008,p.26)

De acordo com esta definição sinto a necessidade de expor que, na verdade eu me encaixo no padrão “videófilo” apenas em parte, pois mantenho uma relação de grande amor com filmes bem antigos e raros. Mas, ao mesmo tempo, por comodidade, talvez, em função da distância das salas de cinema se concentrarem na região sul da cidade eu opte mais por assistir os filmes via locadoras e internet

Mas, meus alunos e muitos conhecidos, sem dúvida se encaixam dentro deste padrão que está se tornando cada vez mais comum.

## 2. REVISÃO TEÓRICA:

Sobre a relação Geografia e Cinema, vale pensar nas palavras do professor Jorge Luiz Barbosa, quando este afirma que além das outras formas artísticas, bem como as técnicas cartográficas o cinema tem especificidades que são fundamentais para a Geografia. “Considerando as aproximações possíveis a até os limites imprecisos entre a geografia e a arte cinematográfica é inegável que estamos diante de um campo rico e estimulante para o trabalho de pesquisa e ensino” (BARBOSA, 2005, p. 113).

Vale a pena lembrar que não somente o cinema pode se valer para a aprendizagem da Geografia. Esta área do conhecimento já tem instrumentos milenares que sempre foram utilizados para a compreensão da complexidade do espaço geográfico, este entendido como uma fração do espaço físico, onde os seres humanos nas suas trajetórias para a sobrevivência implantam aí características próprias. As grandes navegações, por exemplo, se valeram das cartas topográficas, mapas, instrumentos como a bússola, o astrolábio. orientação pelas estrelas, etc. E mesmo hoje em dia tais instrumentos aliados a outros como textos, maquetes, imagens de satélites, fotografias, gráficos, tabelas, produções musicais e artísticas e trabalhos de campo são de grande valia para a construção do conhecimento geográfico. A própria Adriana Fresquet nos lembra de tais elementos.

*“Tratando-se especificamente da imagem cinematográfica nas atividades de ensino, é importante afirmar que, sua relevância, não é maior, nem menor, em relação a outros recursos visuais – mapas, cartas topográficas, fotografias, pinturas, etc. A vantagem é a ludicidade que empresta ao nosso trabalho. Nesses termos, tanto a música como a poesia e a prosa (o romance e o conto) também são expressões artísticas de grande valor para tornar nossas aulas mais belas e interessantes FRESQUET, 2013.”*

No entanto, tais recursos apresentam-se muitas vezes de forma concreta para o estudo do espaço geográfico que é complexo, pois envolve a ação humana que é ambígua, contraditória e diferente. É necessário então outro caminho que apresente o movimento, o som, o visual que estão impregnados neste espaço e ainda por cima está em constante transformação. “Contudo, a ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria: a imagem está em movimento. Assim a vida

representada na tela aparece mais próxima da nossa realidade” (BARBOSA, J.L. 1981).

Apesar de a utilização de filmes documentários e os de ficção, serem utilizados pelos professores de Geografia em suas aulas, podemos dizer pelo que já observamos nas escolas e já vivenciamos na nossa própria prática, que este processo é ainda tímido e ineficiente dentro do que se propõem a arte cinematográfica enquanto meio didático.

No entanto, consideramos tal timidez como uma perda de oportunidades, pois como diz Adriana Fresquet:

*“Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema - jovem de pouco mais de cem anos -, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. Com o cinema e como parceiro, a educação se inspira, se sacode, provoca as práticas pedagógicas esquecidas da magia que significa aprender, quando o “faz de conta” e a imaginação ocupam lugar privilegiado na produção sensível e intelectual do conhecimento. (FRESQUET, A. 2013, P. 19 – 20)”*

Adriana Fresquet ainda reforça, na nossa visão, que o cinema pode ser um facilitador de extrema otimização para a Geografia no que se refere ao entendimento e compreensão de espaços distantes geograficamente nas questões ambientais, culturais, políticas, sociais e históricas. “A crença no cinema e na sua possibilidade de intensificar as invenções de mundos, ou seja, da possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida e as formas de ocupar espaços e habitar o tempo” (FRESQUET, A., 2013, P.25).

Mas como, fazer das produções cinematográficas nossos parceiros na nossa vida cotidiana da escola em que várias dificuldades se interpõem e até desanimam. Uma destas dificuldades é a própria construção do tempo escolar. Um tempo fragmentado em horários de uma hora/aula para cada disciplina e mesmo neste espaço de tempo, temos de, fazer chamada, passar recados das coordenações pedagógicas da escola e vários outros afazeres que fazem parte do nosso trabalho? Uma produção cinematográfica, ou seja, um filme que tenha um tempo de duração não se encaixa no tempo hora/aula.

Vivemos a seguinte situação: escolhemos um filme que nos ajude a tornar o conteúdo conceitual mais prazeroso, bem como, através de tal filme os meninos tenham a oportunidade de se transportar para outros lugares da Terra, perceber outras culturas, outros processos históricos. Então, na realidade, por causa do tempo, assistimos ao filme de forma fragmentada. Os intervalos de uma aula de Geografia com uma determinada turma pode variar de um a quatro dias. Sendo assim, quando retornamos á turma para retomar o filme onde terminamos na aula anterior, muito do que foi percebido, dúvidas, relações com outras vivências, já se perderam para a grande maioria dos estudantes. Sendo que além do distanciamento entre uma aula e outra, aconteceram também outras aulas de outras disciplinas. Os meninos já foram para suas casas e viveram suas particularidades familiares, bem como sociais.

Fica a frustração da perda de tantos elementos enriquecedores. Muitos ficam tão frustrados com tal perda que pedem as referências do filme para alocá-lo assistilo em casa, com frequência de madrugada e sozinhos.

Perdemos também a grande oportunidade de juntos participarmos da mesma vivência e posterior mente comungar nossas percepções. Dizemos isto porque os estudantes, muitas vezes nos mostram, nos despertam para detalhes que não percebemos, tornando-os seus “aprendentes” como diz, Adriana Frequet.

Fizemos uma pergunta a partir do problema exposto: não há uma saída para tal problema?

Rosália Duarte chama nossa atenção para a importância do caráter socializador do simples fato de assistir uma produção cinematográfica junto.

*“É nessa direção que caminha grande parte dos estudos destinados a investigar o papel social do cinema. É inegável que as relações se estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativos. (DUARTE, R. 2009, P. 16)”*

Ainda nesta direção, da riqueza e enriquecimento socializador do cinema Duarte nos aponta: “Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (2009, P. 16).

Fizemos uma pergunta a partir do problema exposto: não há uma saída para tal problema?

Visto que este trabalho faz parte de uma proposta de intervenção pedagógica na Escola a partir do Curso de Pós Graduação em Educação e Cinema e dentro da grandeza que se permite a Educação, o Cinema e a ciência Geográfica, temos como objetivo. Criar no horário e espaço na escola dentro do tempo da Escola Integrada, no horário extra turno de aulas , um dia por mês para que os alunos possam ir assistir um filme, na sua íntegra, e logo após, um processo de debates sobre as percepções, dúvidas, concordâncias e relações que o filme proporcionou a serem estabelecidas com o conteúdo conceitual da Geografia que está sendo visto em sala.

Dentro disto temos na própria proposta do Programa da Escola Integrada de Belo Horizonte, respaldo para tal:

*“A Escola Integrada é uma política municipal de Belo Horizonte, que estende o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental nas escolas da Prefeitura. São nove horas diárias de atendimento a milhares de estudantes, que se apropriam cada dia mais dos equipamentos urbanos disponíveis, extrapolando os limites das salas de aula e do prédio escolar. Estas oportunidades são implementadas com o apoio e a contribuição de entidades de ensino superior, empresas, organizações sociais, grupos comunitários e pessoas físicas (Texto base do Projeto Escola Integrada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte).”*

Temos aí uma proposta da Secretaria Municipal de Educação que cria ambiente favorável para os professores se apropriarem na busca de uma transformação do processo educativo, e que a prática docente é convidada a ser repensada, reavaliada, renovada, reinventada. E para os professores de Geografia, que tem como fundamento a discussão do espaço geográfico.

### **3. OBJETIVO GERAL:**

Criar no espaço da escola, no tempo da Escola Integrada um “Tempo do Cinema na escola”.

#### **3.1 Objetivos Específicos**

- Escolher um conteúdo específico que seja de interesse dos alunos, dentro dos programáticos especificados pela Secretaria Municipal de Educação, para os alunos do último ano do terceiro ciclo do Ensino Fundamental.
- Criar um grupo de alunos voluntários a irem na escola, fora do horário de aulas e no horário do tempo da Escola Integrada.
- Assistir um filme a cada mês, sendo que tal filme deve ser revisto uma segunda vez. Sendo assim, os encontros serão quinzenais.
- Após a segunda exibição fazer um debate entre os participantes e filmar suas falas, comentários, observações. Sem nada pré-determinado.
- Após as falas e filmagens destas, assistir com os meninos a filmagem destes e registrar suas conclusões no que diz respeito a utilização do filme na sua íntegra bem como os detalhes que foram observados na segunda exibição e juntamente com eles fazer um projeto de exibição de filmes na Escola Integrada. Este será o legado que a turma do nono ano deixará para a Escola Municipal Eleonora Pieruccetti. Para as próximas gerações de alunos

## 4. O PROJETO DE INTERVENÇÃO E A ESCOLA

### 4.1 Escola Municipal Professora Eleonora Pierocetti

A Escola Municipal Professora Eleonora Pierocetti é bem localizada na Avenida Bernardo Vasconcelos, 288 - Cachoeirinha, Belo Horizonte - MG, 31150-000 poucos metros da Av. Antônio Carlos.

É uma escola com mais de 40 anos, muito espaçosa, vários blocos de salas nos quais se distribuem as séries dos ciclos. Entre as salas o ambiente é muito bem cuidado e acolhedor. Bem arborizada com vários pátios bem conservados e com pinturas no chão que propiciam brincadeiras na hora do recreio e aulas de Educação Física. Estes pátios e jardins são constantemente limpos, repintados e cuidados pelos próprios alunos.



A escola tem uma biblioteca muito bem cuidada e com um acervo de livros, filmes, mapas, jogos, globos terrestres bem como os mais variáveis materiais didáticos que estão a disposição tanto dos alunos quanto dos professores. É um ambiente claro, arejado e acolhedor, bem como os seus funcionários. É também muito participativa nas datas especiais e elaboração de objetos, cartazes, bastante criativos e chamativos da atenção dos docentes e discentes.

Os banheiros – vale ressaltar que nesta escola são vários , em várias partes da área da escola – são limpos e cuidados.

A cantina também vale ser lembrada pois é um diferencial entre muitas de outras escolas da rede municipal de ensino, pois é extremamente limpa e organizada. Na hora da merenda os alunos respeitam a fila e logo depois depositam o lixo nas latas de lixo seletivo. Tudo isto é fruto de um trabalho constante de conscientização feito pela coordenação e direção de escola que constantemente está presente neste local.

As salas de aula também chamam a atenção pelo seu cuidado, sua limpeza, cortinadas, carteiras sem danos e todas têm aparelho de TV e DVD.

Outro ambiente que deve ser observado é o auditório. É um ambiente extremamente propício para as reuniões com todos os aparelhos necessários para apresentações tecnológicas, telão, Power \point. Não podendo deixar de mencionar que as cadeiras são almofadadas, as janelas cortinadas e com uma declividade que propicia a visualização do que está acontecendo no palco, mesmo da última fileira. Os alunos são orientados a não lanchar ou usar nada que possa ser deixado no chão. As cortinas são de cor escura o que favorece a luminosidade ideal para a exibição de filmes. O ambiente é bem arejado e muito conservado. A aparelhagem para exibição de filmes, palestras, etc fica fixa etrancada dentro do auditório para resguardar a sua integridade.



No que diz respeito ao corpo docente podemos dizer que são bastante envolvidos com as questões educacionais, mesmo, as vezes em linhas divergentes, mas bastante respeitosos.

A direção da escola é extremamente acolhedora, receptiva e amável. Eu, particularmente, fui transferida para esta escola ano passado – 2014 – e nunca tinha

visto a direção estar presente ao lado dos professores em todos os dias na hora do recreio.

É também uma direção bastante delicada com os professores e se mostram sempre dispostos a nos apoiar nos nossos projetos.

Outro fator que chama a atenção na escola é o Projeto da Escola Integrada cuja coordenação é empenhadíssima tanto é que os alunos têm:

- 1 – Salas separadas para fazer os deveres de casa;
- 2 - Aulas de dança;
- 3 - Aulas de Judô com equipe organizada que participa de competições interestaduais e até estrangeiras;
- 4 – Aulas de artes;
- 5 – Aulas de culinária
- 6 – Aulas de natação;
- 7 – E o curso preparatório para a prova do CEFET para os alunos do 9º ano.



Quanto ao corpo discente, também são bem diferenciados da constante vida por mim em várias outras escolas.

Os meninos são na maioria de classe média baixa, (bairro Cachoeirinha, Nova Cachoeirinha, Lagoinha e de uma pequena favela que fica na Av. Antônio Carlos). Mas, em função da excelente organização da escola, ou seja, cada série tem seu coordenador pedagógico, além do coordenador de turno. Este coordenador pedagógico é figura extremamente ativa e fundamental para o bom funcionamento das aulas, atividades, excursões, avaliações, enfim, tudo que é de respeito às séries coordenadas.

Pode-se perceber com tranquilidade, que de todas as escolas da Rede Municipal, tal escola se mostra como um modelo em vários aspectos paratodas as escolas da rede.

## **Projeto**

Tenho me deparado ao longo do meu processo de construção como professora de Geografia com o desafio do nosso objeto de preocupação e estudo: o espaço. Que se apresenta ora o vivido e ora o distante tanto geograficamente quanto econômica, social e culturalmente.

Quanto ao espaço vivido pelos estudantes, já existem experiências pedagógicas bastante significativas para que a sua percepção, apreensão e compreensão, como por exemplo: os trabalhos de campo.

Quanto aos espaços distantes, podemos dizer que as ferramentas utilizadas em sala de aula, são ainda bastante limitantes. A utilização de mapas, fotos, revistas, reportagens, textos escritos, ajudam muito mas não são capazes de proporcionar uma certa ‘vivência’ para a apreensão das questões que envolvem o espaço geográfico.

Desde o início da vida como professora de Geografia, uma grande insatisfação tomou conta de mim, as possibilidades pedagógicas já utilizadas, tais como: fotos, imagens dos livros didáticos, revistas, pinturas não me satisfaziam, pois percebia a grande dificuldade de os estudantes vislumbrarem tanto espaços não vividos como tempos passados. Lembrando que a leitura do espaço geográfico necessita também da sua localização no tempo.

Logo percebi que os meninos precisavam de uma referência de imagem bem como de outros elementos do espaço para buscarem em suas lembranças imagéticas e estabelecer relação com o que estava sendo trabalhado.

A Geografia se depara constantemente com estes espaços, culturas, ideias diferentes das nossas. Tanto para os adultos mais esclarecidos como para os próprios cinéfilos (verdadeiros) e os videófilos existe aí, ao assistir um filme, um exercício de abstração que nos coloca ora dentro do filme, ora o filme dentro das nossas vidas. Lembro-me muito bem de dois filmes que mostram tal exercício.

O primeiro deles, mais antigo, é o “A Rosa Púrpura do Cairo” do diretor Wood Allen, em 1975, Estado Unidos.

Lembro-me ainda de ter ficado encantada em como o filme busca discutir o cinema e a sua relação com o espectador; abordando o modo como o cinema, ao reproduzir (de forma fantasiosa) a realidade, ilude o espectador e leva ao seu público o entretenimento através da “magia” e da fantasia.

O filme levanta, em certas passagens do filme, os dois lados opostos, o do filme e o do espectador: realidade x ficção. O cinema é a representação do real; o cinema recorre à ficção para criar um mundo “novo”, que representa, de seu modo, a realidade; porém, o cinema não é a realidade. Mas no filme a relação com a protagonista com o filme é tão grande que estes se confundem.

Na adolescência, este filme me deslumbrou justamente por isto. Sempre que assisto a um filme, eu praticamente me transporto para aquele ambiente ou este vem ao meu encontro.

Mais atualmente o cinema brasileiro produziu um filme que, em minha opinião, faz a mesma discussão, “Lisbela e o Prisioneiro”, do diretor, Guel Arraes, 2003.

Neste filme a protagonista adora ir ao cinema e vive sonhando com os galãs. No entanto, durante toda a trama realidade e ficção se misturam. Tanto no imaginário da protagonista como na própria história.

Adriana Fresquet faz um comentário no seu livro, Cinema e Educação, que, acredito ser apropriada para os dois exemplos citados: “ (...) uma questão que o cinema e a educação compartilham, e que consiste nas relações possíveis entre o real e a imaginação(...)”(2013).

Busquei nos filmes em sala de aula tal referência pois além da imagem em si, esta está em movimento tanto no espaço como no tempo. O filme nos traz uma forte impressão da realidade. Adriana Fresquet me contempla quando declara:

*“De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos do modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distantes de nosso conhecimento imediato e possível. (2013, P.19)”*

Nesta arte, a Sétima Arte, encontrei um grande aliado para os meus propósitos. No entanto, outra dificuldade foi diagnosticada: o tempo de duração dos filmes e o tempo de duração das aulas. Percebi logo a angústia dos meninos, já adolescentes, em não pudermos assistir o filme na sua íntegra ( são necessárias duas ou até três aulas para isto), sem contar que a parte de “conversa” sobre o filme, tão esperada por eles, tanto quanto a exibição do filme, sempre fica para a próxima aula ou próximo encontro. Trouxe comigo esta angústia para o curso de Educação e Cinema.

Mas, depois de algumas aulas me lembrei de que hoje, existe na Rede Municipal um projeto que me possibilite tal experiência: a de criar um tempo destinado a ver e rever filmes e posteriormente fazer a sonhada “conversa” sobre o que foi percebido pelos estudantes e como se faz o encontro da Geografia e do Cinema: O Projeto da Escola Integrada.

## 5. ENTRE O PROJETO E A REALIDADE

Bem, esta era a ideia, este era o sonho que eu chamo de plano A: Criar no horário da Escola Integrada um dia, um horário do cinema de forma efetiva.

Para começar, eu tive problemas com o horário para a exibição dos filmes.

Pensei logo no Projeto da Escola Integrada.

Planejei escolher 03 alunos de cada turma – eram 06 turmas de 9º ano – um total de 18 alunos e assistir com estes meninos três filmes relacionado ao conteúdo conceitual que estávamos estudando – O Mundo Subdesenvolvido .

Mas aí surgiu a primeira dificuldade: a Escola Integrada da escola em que trabalho tem um projeto específico para os alunos do 9º ano. Um curso preparatório para a prova do CEFET que acontece no horário da Escola Integrada. Sendo assim, nenhum aluno quis fazer parte do projeto. Não queriam perder aula.

Pensei também em trazer – inclusive já tinha conversado com um profissional formado em cinema – para filmar os meninos discutindo sobre os filmes.

Outro problema surgiu. Os meninos se recusaram terminantemente serem filmados. Foram vários os argumentos apresentados. Um deles é o de que a câmera os iria inibi-los.

A nossa ideia é conseguir junto à coordenação, horários para que possamos assistir o filme na sua íntegra, sem cortes e logo após fazermos uma roda de conversa sobre o filme relacionando-o aos conteúdos da Geografia

Mas aí surgiu a primeira dificuldade: a Escola Integrada da escola em que trabalho tem um projeto específico para os alunos do 9º ano. Um curso preparatório para a prova do CEFET que acontece no horário da Escola Integrada. Sendo assim, nenhum aluno quis fazer parte do projeto. Não queriam perder aula.

A minha realidade estava me dizendo que eu não iria conseguir fazer o que tinha planejado.

Eu tinha um plano A, que não foi possível. Sendo assim, tive que pensar em outra possibilidade, que eu denominei de plano B.

Estava disposta a refazer o projeto de outra forma, no horário das aulas, ou seja, no 1º turno, e como eu tinha planejado assistir um filme por mês, sendo que duas vezes o mesmo filme, seriam encontros quinzenais, tive que mudar o cronograma para um filme por semana somente, pois, a princípio contava somente

com um mês de licença do meu colega (tudo no mês de Outubro), contando, em não abrir mão de dois detalhes:

1 – Iria assistir ao filme na íntegra, sem cortes, em uma só aula;

2 – Queria um grupo pequeno de alunos, pois sei por experiência que um filme para uma turma de 35, 40 inviabiliza a discussão sobre o filme.

Neste meio tempo, o professor de artes precisou tirar licença. Foi aí que vi a possibilidade de fazer o meu projeto, embora modificado.

Conversei com o meu coordenador e este se mostrou muito solícito e compreendeu meu problema. Sendo assim, como uma das aulas de artes acontecia antes de uma das minhas aulas (eram contíguas) durante a semana, 1º e 2º horários. Portanto tínhamos também o horário do recreio que seria compensado na 3ª aula. Foram duas aulas destinadas a 02 filmes que já estavam garantidas. A 3ª aula destinada ao 3º filme foi tranquilamente resolvida com o professor de Educação Física que cedeu 02 horários para que conseguisse exibir o terceiro filme e ainda ter o tempo de conversa em grupo sobre este.

Bom, a parte que para mim era a de maior interesse – quando eu queria que os meninos fossem filmados discutindo o que lhes havia mais interessado, o que lhes havia chamado à atenção e porque, como eles estabeleciam elementos do filme com a geografia, seus pensamentos individuais, etc. Eu optei por fazer anotações das falas dos alunos em um Diário de Bordo. Desta forma, anotei tudo o que foi dito, dúvidas, desencontros nos pontos de vista, a geografia vista no filme, enfim, tudo pode ser registrado.

Logo no primeiro dia, pouco antes de assistir o filme, cinco alunos, três meninos e duas meninas vieram me perguntar se teriam pontos extras por participar do projeto. Eu disse que não. Não haveria avaliação que se somasse à da Escola. A partir disto eles se recusaram a participar e preferiram ficar no pátio com os outros que não iriam participar como tinha sido determinado pelo coordenador do 9ºano. Eu fiz questão de discutir este fato com o nosso coordenador pois estes cinco alunos não estavam incluídos na lista dos que ficariam no pátio. Desta forma foi conversado com os outros professores e estes concordaram em redistribuir toda a turma, inclusive os cinco nas outras aulas. O que causou um certo descontentamento, mas percebemos que esta deveria ter sido a alternativa desde o início. E no mais, seriam somente três manhãs, sendo uma em cada semana de outubro.

## 5.1 Justificativa para a escolha dos filmes

No ano passado nas turmas de 9º ano, estudamos em Geografia – seguindo o Livro Texto adotado pela Escola – O Mundo Subdesenvolvido. Decidi inverter a ordem do que estava proposto no livro que era começar os estudos a partir da América Latina, pois logo no início do ano começaram os conflitos na Ucrânia e eu achei que seria um tema de interesse dos alunos. Como realmente foi. Logo depois iríamos passar para o Continente Asiático e seu processo de formação geográfica, população, cultura, população, geopolítica, etc. No que se refere á formação geológica de tal continente é importante à compreensão não somente para os aspectos naturais, bem como para a geopolítica, cultura da região, a apresentação da grandiosidade da Cordilheira do Himalaia. Espaço de muita dificuldade de compreensão, pois exige um alto grau de abstração espacial, devido a sua extensão e dimensão.

Na segunda etapa estudamos a América Latina, quando veríamos um outro tipo de formação geológica o da Cordilheira do Andes, bem como os países, sua diversidade cultural, econômica, histórica e por opção minha a Revolução Cubana.

Logo depois tivemos a oportunidade de discutir através do livro texto, textos extras e trabalhos em grupo o problema do Êxodo Rural dos países subdesenvolvidos, suas causas e conseqüências.

De acordo com o que foi visto durante o ano até o mês de Outubro, escolhi três filmes: Sete Anos no Tibet, Diários de Motocicleta e O Caminho das Nuvens.

## 6 - Sete Anos no Tibet



Ficha técnica: Filme “Sete Anos no Tibet”. Direção: Jean-Jacques Annaud, 1997, 130 minutos de duração. Adaptação de Sete Anos no Tibet, de Heinrich Harrer, 1952.

Drama de aventura norte-americano realizado em 1997 por Jean-Jacques Annaud, foi interpretado por Brad Pitt, David Thewlis, JamyangJamtshoWangchuk, LhapkaTsamchoe, B. D. Wong, Mako e Danny Denzongpa.

O filme centra-se na figura do austríaco que se tornou amigo e tutor do jovem Dalai Lama durante o período em que viveu no Tibete. Em 1939, Heinrich Harrer (Brad Pitt), um ariano montanhista simpatizante do Partido Nazi, é convidado para integrar uma expedição alemã ao topo do Nanga Parbat, um dos montes mais altos dos Himalaias.

Quando está escalando o Monte, o chefe da expedição decide parar para fugir a uma avalanche. Quando os montanhistas regressam ao acampamento, são presos por soldados britânicos e colocados num campo de prisioneiros. Depois de numerosas tentativas de fuga, os dois protagonistas conseguem escapar e atingem o Tibete a partir das montanhas indianas. Após algumas dificuldades, os dois homens conseguem entrar em Lassa, a cidade santa e capital do país, sendo recebidos como peregrinos acabados de realizar um grande feito. Fazem amizade com os tibetanos e o personagem de Brad Pitt acaba mesmo por conhecer o seu líder espiritual de 11 anos. Rapidamente começa a passar cada vez mais tempo com o Dalai Lama , tornando-se seu tutor. Durante algum tempo, ensina-lhe tudo o que sabe sobre o mundo ocidental, a sua cultura, a língua inglesa, etc. No final, o filme alarga os seus horizontes, mostrando o brutal domínio que a China exerceu sobre o Tibete durante os anos 50.

## **6.1 Discussão**

No início, os meninos estavam muito resistentes. Preferiam que eu passasse outro filme “mais” emocionante. Mas a minha primeira argumentação foi de que eles nem nunca tinham ouvido falar do filme.

Fiz então um resumo do filme, tive o cuidado de levar um mapa para que eles localizassem a região onde se passa a história. Relembrei alguns conteúdos que tínhamos visto em sala de aula, mas tudo isto muito por alto. Queria que eles

percebessem por eles mesmos e depois nós teríamos uma conversa sobre o filme. Fiz uma pequena lista de algumas questões que eu gostaria que eles abordassem, frisando que não era obrigatório. Que poderiam expressar as suas opiniões com a maior liberdade possível e que não haveria ali o certo ou o errado. Se por acaso algum deles não gostasse de nada no filme, estaria com a total liberdade de se expressar e estava entre nós terminantemente proibido a crítica sem argumentação e ofensiva.

Disse a eles que gostaria, se eles quisessem, me responder apenas algumas questões:

1 – Se gostou do filme. Sim, Não e por quê?

2 -Se gostou somente de algumas partes do filme.

3 - Se alguma conseguiram relacionar alguma coisa do filme com o que estudamos ou com algo que já tinham visto em outro lugar, conversas, televisão, livro, revista, etc

4- Se indicaria o filme para algum amigo.

Fiz questão de frisar várias vezes de que nada ali era obrigatório.

Alguns alunos me perguntaram se poderiam anotar alguma coisa. Eu disse que sim. Só que eu achava que no ato de anotar talvez perdessem algum detalhe, mas eles estavam á vontade.

Um deles, o mais falador, (não por acaso o convidei) comentou que “se temos tanta liberdade assim, vamos combinar de na próxima vez podemos trazer um lanchinho, tipo pipoca, refrigerante, chocolate” Aluno R

Durante a exibição do filme, na parte em que o personagem Heinrich Harrer, interpretado por Brad Pitt, está juntamente com seu companheiro vivendo já há vários anos se deslocando pelo planalto tibetano mas sem se fixar em lugar nenhum, decide escrever uma carta para o seu filho, que ele nem viu nascer, pois já estava no Himalaia. Enquanto ele vai narrando o que estava escrevendo, e refletindo sobre vários aspectos de sua aventura, de sua vida, uma das alunas a M.B. me pediu para que eu voltasse o filme pois ela queria anotar uma das falas do personagem. Eu parei o filme, voltei e ela anotou a seguinte fala: “(...) tenho caminhado de lá para cá, assistindo as mudanças das estações , neste lugar onde o tempo parou, parece que tudo se move (...)” Heinrich Harrer.

Combinamos que depois conversaríamos sobre esta fala.

Bem, terminamos o filme e nos sentamos em círculo no chão do palco.

Eu disse: agora vocês começam.

O aluno S. disse que não tinha gostado muito do filme pois não tinha cenas de aventura.

Logo foi refutado pelo aluno J.R. que ele discordava pois haviam sim várias cenas de aventura, quando se pensa que aventura é correr perigo. Que não tinha realmente carros voando, cabeças cortadas, pessoas fugindo de vampiros nem tiroteios, mas disse que as cenas em que o protagonista escorrega ao escalar a montanha e quebra a perna e depois a outra cena em que ele, com a perna quebrada tem que segurar o companheiro que tinha ficado dependurado no penhasco, e a de quando eles enquanto prisioneiros de um acampamento inglês fugiram e outras cenas, tinham sido cenas de aventura.

O aluno S. disse que olhando por este lado ele poderia considerar tais cenas de aventura também, mas não o tipo de aventura que ele gosta.

A aluna I. perguntou a aluna M.B. porque ela tinha me pedido para voltar o filme para ela anotar a fala do personagem. Esta respondeu que tem um caderno de pensamento e queria registrá-lo. Ela disse que tal raciocínio a fez pensar na vida. Em como nós corremos tanto no nosso cotidiano e nem percebemos a passagem das estações, as coisas mudando, a vida passando e ele disse justamente “onde o tempo parou” ele estava vendo as coisas acontecerem. Todos concordaram com a observação da aluna M.B. Que estamos mesmo num ritmo muito frenético de vida e não vemos as coisas da natureza e nem da vida passar. Se não seria uma tendência de todos no mundo. Daí, o aluno S. disse que achava que era culpa do capitalismo que nos faz estudar demais (ele mesmo estava estudando muito para passar na prova do CEFET), para quando ficasse mais velho poder entrar na UFMG e fazer um bom curso e depois trabalhar bastante para ganhar muito dinheiro para poder comprar tudo que precisava.

A I. que é bastante “filosófica” de acordo com os meninos, disse que concordava, que no mundo capitalista nós estamos o tempo todo pensando em comprar por causa das propagandas que as empresas fazem o tempo todo.

Neste momento o J.R. disse: “professora, como a Sra. disse que gostaria que relacionássemos com o que aprendemos nas aulas ou em qualquer outro lugar, isto que a I. disse me lembrou daquele negócio de obsolescência programada que nós

estudamos. Quer dizer: as coisas duram pouco para estragarem logo e nós termos que comprar outro”.

Nesta hora o aluno W. se manifestou dizendo que estávamos fugindo muito do assunto do filme e logo depois S. discordou. “Não estamos não. Está tudo interligado e às vezes você vê uma coisa que vai levando o seu pensamento para outras que parecem que não tem nada a ver mas tem sim.

O aluno T. disse que se lembrava de um programa da TV Globo, o Globo Repórter em que a repórter Glória Maria apresentou o Planalto do Tibet e que tudo que ela disse pode ser observado no filme. Os costumes, os monges tibetanos e o falou sobre o Dalai Lama.

Outro, o L. disse que tinha em casa um livrinho com pensamento do Dalai Lama. E o T. disse que para os tibetanos o Dalai Lama era como o Papa é para nós.

Foi então que a aluna I. se lembrou de um detalhe muito importante do filme.

Ela disse: Professora eu me lembro de que quando a Sra. estava falando deste projetinho para nós e disse que fazia parte de um curso que a Sra. está fazendo lá na UFMG e que é sobre Educação e Cinema. E me lembro de muitas coisas que falou sobre a importância do cinema. Uma delas é a de que o cinema pode ser considerado uma janela para o mundo, ou seja, pelo cinema podemos conhecer outras partes do mundo. Lembra? Pois então, fiquei pensando se a Sra. já sabia da parte em que o Dalai Lama, quando ainda era criança e vivia isolado do mundo, ele pediu ao Heinrich Harrer, que tinha se tornado seu professor a pedido de sua mãe, que construísse para ele uma sala de cinema pois ele queria ver o mundo de onde Heinrich Harrer tinha vindo, ou seja, o mundo ocidental.

Esta fala da I. me emocionou muito, pois eu realmente tinha comentado isto em sala e Adriana Fresquet confirma quando diz: *“De fato o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo (...)”*FRESQUET, 2013.P.19

Ah, foi nesta parte que eu achei muito engraçado, disse o S. Eles ficaram preocupadíssimos com as minhocas. Eles acreditam que uma minhoca pode ter sido sua mãe em uma vida passada.

Daí eu interfeiri: mas, será que podemos julgar as crenças dos outros povos diferentes de nós?

S. falou: não professora, eu não falei julgando, só falei porque achei engraçado.

O aluno M. que ainda não tinha se manifestado comentou: ah, vão me desculpar, mas acreditar que uma minhoca pode ter sido sua mãe em outra vida? E quando apareceu os dois chegando em uma aldeia e todos estavam pondo língua pra eles e o amigo do Brad Pitt disse que eles mostravam a língua para espantar os maus espíritos.

A I. retrucou: mas para eles pode ser estranho nós fazermos o sinal da cruz quando temos medo de alguma coisa.

M.B. acrescentou: nós também acreditamos na Bíblia e pode ser que eles acreditem em outro livro. Eu acho que é esquisito porque é diferente.

Neste ponto um deles olhou o celular e viu que já eram 11:05 e a aula termina 11:20.

Na mesma hora me lembraram do horário e que não podiam ficar mais.

Sendo assim, eu perguntei: mas, e aí? Fazendo um resumo bem rápido, o que vocês acharam do filme.

Como sempre S. e I. tomaram a palavra. Primeiro I. depois, S.

Eu gostei muito do filme. Confesso pra Sra. que achei que não fosse gostar. Mas achei muito massa o fato de o personagem representado por Brad Pitt, ter começado o filme como uma pessoa convencida, arrogante, autoritária e nada humilde e no final, depois de passar tudo o que ele passou e ter convivido com o Dalai Lama ele se tornou outra pessoa para ir encontrar o filho que ele nem queria ter. E acho que o menino Dalai Lama ensinou mais a ele do que o contrário.

S. terminou: Eu também comecei achando que não iria gostar, mesmo tirando a falta do tipo de aventura que eu gosto, o filme é muito legal. Também achei massa a mudança de atitude o artista principal e pude ver o que a Sra. explicou na aula com relação as montanhas que são bem inclinadas e pontiagudas, além de serem muito altas comparadas com o relevo do Brasil. Mas eu acho que é um filme de filosofia pois fala muito de crenças religiosas, costumes, culturas diferentes e ainda tem o que a I. falou: uma mudança na personalidade do personagem por causa do contato com outra cultura e também porque ele passou por muitas dificuldades, fome, frio e estas coisas fazem a gente pensar na vida e se tornar mais humilde. E ainda tem o detalhe que ninguém falou, que foi que ele era uma pessoa muito

convencida e se achava e acreditou que iria conquistar a moça costureira e na verdade, ela se apaixonou e se casou com o seu amigo que era uma pessoa mais simples, mais humilde e não gostava de aparecer. Por estas coisas todas eu acredito que este filme é uma obra de filosofia.

Terminamos o 1º filme, acredito que com um saldo positivo. Os meninos se mostraram interessados, fizeram conexões com o que tínhamos visto em sala e foram além. Todos saíram com o compromisso de voltar na próxima semana, mesmo sabendo que a sua participação não iria “valer nota nenhuma”.

No corredor, saindo da sala, tive uma surpresa: o aluno W. que não comentou nada chegou perto de mim e disse: professora eu achei o filme ótimo e aprendi muitas coisas com ele.

## 7 - Filme: Diários de Motocicleta



Ficha técnica: Diários de Motocicleta. Direção : Walter Salles. Ano: 2004.  
País: Noruega.

O filme é sobre a viagem e o diário escrito por Ernesto Guevara de 23 anos de idade, que mais tarde se tornaria conhecido internacionalmente como o comandante Che Guevara, na revolução cubana. O filme narra a viagem de 1952, inicialmente por moto, em toda a América do Sul por Ernesto Guevara e seu amigo Alberto Granado. Inicialmente como uma aventura juvenil, se transforma em uma viagem de descobertas. Guevara se descobre transformado por suas observações

sobre a vida dos camponeses indígenas empobrecidos. Através dos personagens que eles encontram em sua jornada em quase todo o continente Sul Americano. Os dois protagonistas, Guevara e Granado, testemunham durante a viagem as injustiças das diferenças entre as classes sociais que eles nunca teriam encontrado de outra forma. O filme apresenta uma verdadeira identidade latino-americana. Como resultado, a viagem produz uma transformação interior de dois rapazes. Surge aí o futuro combatente na revolução armada como forma de combater as desigualdades econômicas endêmicas do continente.

## 7.1 Discussão

No nosso segundo encontro, os meninos, assim como tinham tido a ideia no encontro anterior, levaram pipoca, refrigerante, bolo para lanche enquanto assistiam ao filme.

Da mesma forma do primeiro filme eu levei um mapa da América do Sul e observamos os países pelos quais os viajantes passaram.

Depois eu fiz um resumo do filme e procurei saber o que ele já conheciam sobre Che Guevara e sobre a revolução cubana.

Disse também que os mesmos procedimentos determinados para o primeiro filme valiam para o deste dia.

Pedi que tivessem cuidado com a questão do lanche para que não houvesse nenhum problema com a limpeza do local e que prestassem atenção para que o fato de terem levado coisas para comer não lhes tirasse a atenção do filme.

Desta vez percebi uma atenção ou, falta de atenção diferente do filme anterior.

O comportamento dos meninos foi muito diferente. Percebi, tanto no início quanto durante toda a projeção um certo desinteresse. Percebi uma conversa paralela, um sentimento de que os meninos estavam entediados.

Vi logo que os resultados não seriam os mesmos da semana anterior. Assim que terminamos de assistir o filme seguimos o mesmo procedimento.

Assentamo-nos no chão, em círculo e passei a palavra para eles. Houve um silêncio. Ninguém falava nada. Fiquei um pouco nervosa, pois notei uma certa falta do que falar.

Tentei puxar a discussão, mas o silêncio era total. Eles olhavam uns para os outros como que esperando o primeiro a falar alguma coisa.

Foi então que o S. começou a falar: “sabe o quê que é professora? Acho que ninguém gostou muito deste filme não. Na boa. Eu pessoalmente achei o filme muito paia. O tempo todo só aqueles dois bobos viajando e falando sem parar”.

A aluna A.B. disse: “não é que eles são bobos não, mas é que o filme quase todo é só os dois conversando e discutindo”.

Eu expliquei a eles que o fato de não terem gostado do filme não significava um resultado negativo. E que seria então importante conversarmos o motivo de não terem gostado. E quem sabe descobrirmos juntos algo interessante ou não no filme. Com certeza algumas mudanças aconteceram dentro deles.

Percebi que a condução da conversa pós-filme teria que ser totalmente diferente da do filme da semana anterior.

O mais angustiante para mim foi o fato de eu ir com a expectativa do outro filme e que desta vez eu teria que falar mais. Queria entender o motivo de o resultado ser negativo perante um filme tão famoso, tão bonito, tão significativo.

Foi então que, como dizem os meninos: a ficha caiu. O filme “Diário de Motocicleta” é lindo para mim. Tinha um grande significado para mim e não, necessariamente para um grupo de treze jovens na faixa etária de 13,14,15 anos.

Mas decidi continuar a conversar sobre o filme que ninguém gostou. Já sabia que o fato de durante todo o tempo a presença constante quase que somente do dois personagens foi fator determinante para não prender a atenção deles.

Falem então de mais coisas que vocês não gostaram, eu disse.

De repente o aluno L. perguntou: professora, mas o Che não era negro? Por que colocaram um artista branco de olhos claros?

Percebi que a referência que eles tinham de Che Guevara era famosa foto de Coelba, que está estampada em camisetas, bandeiras, etc e este sempre se apresenta em duas cores onde percebemos apenas detalhes do rosto de Che Guevara.

Daí eu expliquei para ele que na verdade Che Guevara era descendente de imigrantes espanhóis e de família com ascendência aristocrática.

L. se disse decepcionado, pois pensava que este personagem importante, guerrilheiro e revolucionário era negro como ele. Senti a necessidade de lembra-los

de que houve outros personagens negros importantes na história da humanidade. Martin Luther King nos Estados Unidos e Nelson Mandela na África do Sul. Mas mesmo assim o L. não ficou muito satisfeito não. Eu notei isto. Então ele disse que gostaria de conhecer um herói negro e pobre que tenha sido um guerrilheiro ou soldado e tivesse lutado “de verdade” pelos pobres. Eu disse que não me lembrava de nenhum com tais características no momento, mas, com certeza existiram e existem muitos desconhecidos. E lembrei-lhe que o fato de lutar por uma causa não significa especificamente lutar com armas e matar pessoas. Existem outras formas de lutar. E dei a ele o exemplo, que me veio a mente na hora, as manifestações do ano passado e as deste ano. Disse que é um tipo de luta. Ele não me pareceu muito convencido não. Mas aceitou. Talvez por medo de discordar de mim ou pelo fato de ter arraigado a ideia de luta estar relacionada a armas, combates, etc.

Então a aluna A. comentou: Engraçado que eles navegaram no Rio Amazonas, mas estavam em outro país. Não me lembro se era no Peru ou na Colômbia. Existe Rio Amazonas fora do Brasil, professora?

Eu, então os lembrei de que já tínhamos visto em aula acompanhando no mapa que tal rio tem sua nascente na Cordilheira dos Andes e seu curso passa por outros países da América do Sul. Mas eles não se lembravam. Mesmo com o fato de termos acompanhado no mapa. Acredito que neste aspecto o filme foi mais eficiente que o mapa para este aprendizado, pois mesmo não gostando muito do filme os meninos se entregaram se certo ponto à trama e “navegaram” no Rio Amazonas fora do território brasileiro. Ela se lembrou também da cena que ela disse ter sido muito emocionante, em que Che Guevara mesmo sendo asmático e tendo dificuldades de respiração, decidiu atravessar o rio a nado para comemorar seu aniversário com os doentes que estavam internados do outro lado. Ela disse: achei muito bonita a atitude dele. Ele quis comemorar também com os mais doentes e mostrou que era uma pessoa muito boa.

Aproveitei a deixa para contar-lhes uma curiosidade sobre o filme.

Eu disse: vocês sabiam que a canção do filme “Al Otro Lado Del Rio”, do uruguaio Jorge Drexler, ganhou o Oscar em 2005 e os organizadores do evento não permitiram que ela fosse apresentada? E que quando o autor da canção ao subir ao palco para receber a estatueta pegou o microfone e cantou uma parte da música em sinal de protesto? E ainda mais: Walter Sallles, o diretor protestou contra o boicote e

se tornou um assunto que correu o mundo contra os organizadores do prêmio e estes se renderam aos protestos e no ano seguinte, 2006, a canção foi apresentada na festa, interpretada pelo ator Antônio Banderas.

Esta informação causou revolta entre eles.

A aluna M.B. disse: aposto que foi porque era uma música de um compositor da América Latina e ainda mais de um filme que conta a história de um guerrilheiro que lutou em Cuba. E ainda se tornou um símbolo para o mundo todo. Foi bem feito para os Estados Unidos.

Acho que tal discussão e comentários fez com que o aluno M. se lembrasse de um detalhe do filme e que ele tinha dúvidas. Então, ele perguntou: professora, mas a Lepra não pega se a gente encostar na pessoa? Como é que os dois do filme que eram médicos não quiseram usar luvas para tocar nos doentes e ainda até jogaram futebol com eles conviveram com eles?

Novamente foi necessária a minha intervenção para o esclarecimento. O que não considero problemas, pois acreditava que surgiriam dúvidas sobre questões nos filmes onde haveria necessidade de esclarecimento de minha parte e eu também me sentia parte do grupo de conversa.

Sendo assim, expliquei a eles que a Hanseníase (lepra) era uma doença tratável e que enquanto os doentes estão em tratamento não são transmissores. Aproveitei para ressaltar também que é uma doença em que o governo Federal assume os medicamentos bem como o tratamento e que é importante procurar um posto de saúde pública em caso de suspeita, pois estes têm de ser registrados nas instâncias governamentais de saúde para que o governo tenha controle no país. E que esta visão do doente de lepra ter de ser excluído ou separado da sociedade não existe mais. É uma prática ultrapassada. E o preconceito vem de ideias antigas, religiosas, da Idade Média, etc.

Novamente o silêncio tão temido por mim se fez presente.

Daí nova necessidade de intervenção minha para saber se mais alguma coisa tinha ficado.

O aluno S. levantou a mão e pediu a palavra: acho que depois de conversarmos um pouco, fiquei pensando aqui e penso que o filme não foi de todo ruim não. Teve mesmo uma coisa cansativa de os dois amigos o tempo todo conversando, isto foi chato, mas tiveram algumas cenas engraçadas, e a gente pôde

ver que desde novinho o Che já era uma pessoa muito bondosa que se incomodava muito com a pobreza do mundo. Por isto virou guerrilheiro e foi pra Cuba lutar. E pudemos ver também que ele era muito corajoso, pois atravessar aquele rio nadando sendo doente de asma foi massa.

Perguntei se alguém tinha mais alguma coisa a acrescentar e a aluna A. disse que só tinha se lembrado da cena em que os dois conversaram com um agricultor e este disse que suas terras tinham sido tomadas por um grande fazendeiro e que tinha se lembrado também da cena em que o trabalhadores desempregados estavam esperando para conseguir emprego em uma mineradora dos Estados Unidos e tinham sido tratados como animais. Foi quando o Che Guevara se revoltou e xingou os empregadores.

Perguntei novamente: alguém mais tem algo a dizer?

Silêncio total.

Percebi então que a atividade daquele dia estava terminada. Dispensei os meninos e ainda faltavam 20 minutos para bater o sinal.

Acredito que, apesar dos meninos não terem gostado muito do filme, o resultado foi positivo, pois dúvidas surgiram em função deste e pudemos esclarece-las durante a atividade. Despedi-me dos meninos e disse que os esperava na próxima semana. Eles, novamentese comprometeram de comparecer.

## 8 - O Caminho das Nuvens



Ficha técnica: Vicente Amorim. Lançamento: 2003. Duração: 86 minutos. Brasil.

O filme é construído em torno da obstinação de Romão, um caminhoneiro que está desempregado (personagem central, esposo e pai de quatro filhos) em conseguir um emprego com salário de 1000 reais. Para isso, ele vislumbra a necessidade de abandonar sua terra de origem, no interior da Paraíba, e viajar com toda a família, utilizando-se apenas de quatro bicicletas como veículos. Em *O Caminho das nuvens* a migração aparece como um sonho urbano de alguém que definiu simplesmente que precisa de mil reais para sustentar a família. A busca por um mundo muito melhor fica evidente nos sonhos dos personagens de que chegando a cidade do Rio de Janeiro suas vidas sofrerão mudanças para melhor. Em algum sentido, o filme afasta-se das condições concretas da vida do nordestino que até os dias de hoje migra para o sudeste em busca de trabalho, não importando o salário que poderá ganhar, sendo que, neste filme o personagem Romão fala durante toda a trama o detalhe de que não abre mão de um salário de 1.000,00. Além do detalhe econômico e social o filme destacou também a forte religiosidade e o misticismo na região, mas atentou para a injustiça social e propôs uma saída como revolucionária.

Quando os personagens passam fome, determinada pelas dificuldades regionais. As luzes das cidades e a determinação do personagem principal são enfocadas. O olhar metropolitano sobre as regiões mais distantes do sudeste se impõe neste filme, talvez a começar pelo sonho de Romão que seria mais adequado para um trabalhador de grandes metrópoles. O sonho com a cidade maravilhosa onde os sonhos serão realizados permeia toda a trama. O tempo todo do filme o espectador tem a sensação de que o objetivo de Romão será realizado.

## **7.1 Discussão**

Neste último dia do projeto seguimos os mesmos rituais dos outros dois.

Eu falei um pouco sobre a trama e localizamos no mapa que levei para o local, neste caso o mapa do Brasil. E antes fizemos mais ou menos no mapa a trilha de retirantes seguiu os estados pelos quais passaram ao sair da Paraíba até a sua chegada a cidade do Rio de Janeiro.

Depois de assistirmos o filme a minha condução foi a mesma dos outros dois no início entregando a palavra para eles e, em função do segundo filme em que

aconteceu a necessidade de interferir mais para algum esclarecimento. É claro que eu estava um pouco apreensiva, em função da não aceitação, em parte pelos alunos no filme anterior.

Passei a palavra para eles para que começassem a conversa a partir de onde e da forma que achassem melhor.

Desta vez, quem começou a falar foi a aluna I. Ela disse o seguinte: Ah, este filme ninguém pode dizer que começou de forma emocionante.

Ela estava se referindo ao início do filme em que a família de Romão se encontrava em uma estrada e se distraíram do bebê, enquanto a esposa de Romão tentava ler uma placa da estrada (logo percebemos a dificuldade de leitura da moça semialfabetizada ao mesmo tempo que Romão era totalmente analfabeto).

Continuando a fala de I.: Gente! Eu fiquei com o coração na mão ao pensar que aquela carreta iria atropelar o bebê que estava sentado sozinho no meio da estrada.

Todos concordaram que foi um início emocionante e que serviu para logo de início prender a nossa atenção ao filme.

O aluno M. disse: Nossa! Eu até fechei os olhos com medo de que realmente fosse acontecer um desastre. Deve ter sido muito difícil montar a cena com o neném no meio da estrada e a carreta vire tentar parar e o motorista jogar a carreta para o lado e frear e parar quase em cima da criança.

S. comentou: M. é claro que aquilo foi montagem, né? Você acha mesmo que eles iriam colocar um nenenzinho no meio de uma estrada e correr o risco da carreta não conseguir parar a tempo?

Senti a necessidade de aproveitar a deixa da dúvida sobre a cena e perguntei: S. realmente, é claro que foi uma montagem, mas como você acha que foi feita.

Ele respondeu: Ah, se fosse eu que tivesse feito a cena eu iria filmar primeiro a carreta vindo de desviando bem naquele lugar e depois filmaria o neném sentado na estrada e juntaria as duas cenas para dar a impressão e a expectativa que nós tivemos.

M. se defendeu: é claro que foi uma montagem, assim como muitas são feitas nos filmes, principalmente agora que tem o computador eles podem criar uma

multidão de pessoas em algum filme. Mas acho que é porque a gente entra dentro do filme e daí temos a sensação de as coisas são de verdade.

Pensei comigo: acho que hoje teremos uma boa discussão.

B. pediu a palavra e disse: eu adorei o filme desde o início com a cena emocionante que vocês estão falando, mas também gostei do filme todo porque mostra muito a realidade do Brasil. Do Brasil lá no norte e nordeste que a gente estuda em Geografia e História e também na televisão. Acho que muita gente que veio para as cidades grandes, vieram com a mesma esperança de ter uma vida melhor, pois lá nestas regiões não tem emprego para todo mundo. Só que quando chega aqui, não tem também e daí muita gente vai morar na rua ou ocupa um lugar nas favelas. Daí, começam os problemas que a gente tem na cidade grande.

Houve uma concordância geral de todos.

O aluno J.R. disse: ô professora eu achei o pai muito machista e arrogante. Ele só aceita um emprego em que ganhe 1.000,00, mas ele nem sabia nem ler e ficava aproveitando do trabalho da mulher que cantava com o filho nos bares, as músicas do Roberto Carlos depois a menina passava pedindo esmolas e ele ficava só olhando. Pra mim ele era um preguiçoso e explorador da mulher.

A aluna A. concordou com J.R. muito brava: é, e aquela parte em que eles chegam numa cidade e a mulher fica o dia todo tecendo redes e ganha nove reais e entrega tudo para o marido?

I., neste momento se manifestou também: nossa! Eles pagam nove reais por um dia de trabalho para as mulheres que ficam tecendo as redes e quando elas chegam aqui na cidade a gente compra uma por cem reais, no mínimo. É muita exploração. Pra mim é trabalho escravo.

M.B. se lembrou de um programa do Globo Repórter que mostrava o trabalho de crianças quebrando pedras lá no Nordeste e ganhava três reais por dia.

S. comentou que o filme mostrou muito bem a religiosidade e a fé das pessoas quando mostrou à família na cidade de Juazeiro acompanhando a peregrinação de milhares de pessoas a imagem do Padre Cícero.

O aluno T. comentou que ficou impressionado em saber que a família gastou seis meses para chegar até o Rio de Janeiro. Disse em como nós nem imaginamos o tamanho do nosso país.

O tempo já estava adiantado e eu os lembrei disto, pois eles tinham de almoçar para depois irem para as aulas do Pré CEFET.

S. disse que não poderiam terminar a conversa sem mencionar a decepção da mulher quando chegaram ao Rio de Janeiro e que o filme terminou do mesmo jeito: a família ganhando dinheiro as custas das apresentações da mulher e de um dos meninos cantando músicas do Roberto Carlos no bondinho do Cristo Redentor, o pai desempregado vendendo cigarros no alto do monte do Cristo e um dos meninos vendendo balas.

A aluna B. pela primeira vez disse: foi a única coisa que eu não gostei. Acho que o Romão, depois de tanta luta deveria ter conseguido o emprego que ganhasse mil reais.

O aluno M. disse: mas eu acho que o filme mostrou a realidade, pois a maioria das pessoas que saem do Nordeste e veem pra cá não conseguem melhorar de vida não.

Assim, terminamos o nosso último encontro, pois o tempo já estava adiantado, mas, percebi que se pudéssemos os meninos ficariam ali conversando várias horas.

## 8. CONCLUSÃO

Não consegui colocar em prática o meu primeiro plano. O de criar no horário da Escola Integrada um dia do Cinema. Mas, esta pequena experiência me mostrou que é um caminho muito rico e importante para os meninos. Mesmo quando eles não gostam do filme, este serve para levantar dúvidas, fazer com que os meninos tenham que fazer o exercício de se justificar porque não gostaram.

Não pretendo abandonar a ideia. Quero, depois de terminar o curso e tiver mais tempo colocar o meu plano “A” em prática.

Pego emprestado o título de um filme que assisti há muito tempo.

Este é “O primeiro dia do resto de nossas vidas”. Quero que este seja um trabalho do meu primeiro dia do resto da minha vida como professora, como alguém que gosta muito de assistir filmes e com pessoa que como disse Che Guevara no final do filme “Diários de Motocicleta”: “(...) eu não sou mais eu (...)”.

## Bibliografia

BARBOSA Jorge Luiz, *A Geografia na Sala de Aula* / Organizadora Ana Fani A. Carlos. 8 ed,- São Paulo: Contexto, 2006. P 109 a 125

DUARTE Rosália, *Educação e Cinema*, 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 p.13, a19,33 a 35,85,86,89,90.

FRESQUET Adriana, *Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Alteridade e Criação, 2)p.19 a 35, 53 e 55.

OLIVEIRA Bernardo Jefferson de Oliveira, *História da Ciência no Cinema*: 1ª edição, 2005, Belo Horizonte.

### Filmografia

Ficha técnica: O Caminho das Nuvens. Vicente Amorim. Lançamento: 2003.

Duração: 86 minutos. Brasil.

Ficha técnica: Diários de Motocicleta. Direção: Walter Salles. Ano: 2004. País: Noruega.

Ficha técnica: Filme "Sete Anos no Tibet". Direção: Jean-Jacques Annaud, 1997, 130 minutos de duração. Adaptação de Sete Anos no Tibet, de Heinrich Harrerm, 1952.

Lisbela e o Prisioneiro, disponível em

[https://www.youtube.com/watch?v=q3E0\\_EJ9sBY](https://www.youtube.com/watch?v=q3E0_EJ9sBY) acessado em 25 de abril 2014

Direto. Guel Arraes, 2003.

A Rosa púrpura do Cairo disponível em

[https://www.youtube.com/watch?v=ajRCoL\\_UyI](https://www.youtube.com/watch?v=ajRCoL_UyI) acessado em 23 de Abril de Abril de

2014. Diretor Woody Allen, 1985.